

# PAI, MEU PEQUENO FILHO: A CONSTRUÇÃO DA FIGURA PATERNA NAS OBRAS *MORRESTE-ME* E “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

Edmar Augusto de Lima Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O autor José Luís Peixoto com sua escrita foi capaz de transfigurar a dor pela perda de seu pai, com quem tinha uma relação muito próxima. Em *Morreste-me* (2015), o eu poético que cria para a história revisita a antiga casa do pai e relembra os momentos que teve com ele antes de sua partida. No entanto, a percepção da incapacidade de ocupar o lugar deixado pelo pai o assola e ele se percebe estático, vazio. Algo semelhante acontece em “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa (2019). Após uma decisão inesperada, o pai do narrador passa a morar em uma canoa na beira do rio, isolado. Porém, seu filho não consegue superar essa ausência e continua na mesma casa por anos, ainda atormentado pelas lembranças do pai. Desse modo, podemos observar aspectos semelhantes nas obras, especialmente pelo fato de que o eu poético e a personagem sentem a necessidade de preservar e honrar a imagem do pai, ainda que estejam divididas entre o amor e a dor. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo analisar a repercussão da ausência do pai, bem como a construção da figura paterna pela escrita de memórias. Para isso, recorreremos aos estudos de Piglia (1991); Agamben (2007); Lejeune (2008) e Arfuch (2010).

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Escritas de si, Figura Paterna, Literatura Comparada.

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, edmar.lima1301@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

Podemos observar que a figura paterna é destaque em diversas obras literárias, como *Carta ao pai* de Franz Kafka, *O africano* de Le Clézio, *Fun home: uma tragicomédia em família* de Alison Bechdel. Em alguns casos, a ausência dessa figura se torna a fonte para a escrita do texto. Escrever sobre o pai é uma forma de não o esquecer, de eternizá-lo por meio das palavras. Dividido entre o amor e o ressentimento, o medo e a reverência, o filho ou a filha sente-se preso à memória do pai.

A imagem do pai é construída a partir da memória daquele que escreve, toma forma pelo que é lembrado. Mas não somente a figura do pai surge desse testemunho, a própria imagem do narrador ou do eu poético surge devido à ausência do outro. Percebemos uma imbricação do eu da escrita e do eu do pai em passagens que se referem aos dois como uma unidade, um “nós”. Dessa forma teríamos o si como e a partir do outro. O eu busca se encontrar após a perda, repensando uma forma de existir e de retomar sua própria vida.

Este texto tem como objetivo mostrar de que maneira o eu poético de *Morreste-me* (2015) e o narrador de “A terceira margem do rio” (2019) se constroem ao narrarem o pai, como o si é formado a partir do outro. Nas obras, podemos observar que os filhos são duramente atingidos pela ausência da figura paterna e em ambos os casos, o pai recebe uma existência simbólica após a sua partida. A consciência da impossibilidade de ocupação do lugar deixado pelo pai se transforma em obstáculo para lidar com a ausência, o que acarreta em uma vida estagnada para ambos. Os dois são consumidos por pensamentos e dúvidas remanescentes da antiga relação. Além disso, a escrita do texto aparece como uma tentativa de suspender o tempo, de negar o presente e evocar o passado, em uma tentativa de não esquecimento.

José Luís Peixoto nasceu em 1974, em Galveias, ao norte de Portugal, uma pequena aldeia, marcada principalmente pela agricultura, que conserva ainda lendas e tradições estampadas até mesmo no brasão do local. Peixoto evoca em suas obras a atmosfera rural onde cresceu, tornando-a traço de sua escrita. Não somente a ruralidade passa a caracterizar os textos do autor, como também a melancolia e as relações familiares. Peixoto recebeu o mesmo nome de seu pai, com quem tinha uma relação muito próxima. O vínculo estreito entre eles motivou a escrita de seu primeiro livro, intitulado *Morreste-me*. Após a morte de seu ente estimado, Peixoto compõe sua obra e se vale de um eu poético para visitar a casa de seu

pai, reencontrar seus objetos e relembrar os momentos que passaram juntos. A obra é o relato de um filho que perde seu pai para uma doença dolorosa. Ali constam seus últimos momentos em casa e no hospital. O narrador rememora esse pai tão “impossivelmente morto”.

Assim também acontece com o narrador do conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras estórias*. Rosa nasceu em 1908, na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais. Reconhecido por sua linguagem inovadora, pela sua singular estrutura narrativa e também pela riqueza de simbologia em seus contos. No conto, a família do personagem vive em comodidade até que um evento muda a dinâmica da casa. O pai solicita a um homem que construa uma canoa para ele e logo depois parte para morar no rio, sem dar uma justificativa. No começo, há um choque pela decisão repentina do homem e a família se pergunta pelos motivos que o levaram a tomar aquela atitude. Contudo, com o passar do tempo, acreditam que o pai um dia retornará para o convívio doméstico, seja por afeto aos filhos ou pela falta de suprimentos. Porém o homem nunca volta. Ele não sai da cidade, não segue o rumo do rio, mas também não volta para a casa. Essa escolha causa uma comoção na família, que se vê entre o amor e o ressentimento. Os dias correm e os filhos continuam cada qual o seu caminho, exceto o narrador da história. Ele não consegue sair de casa e é sempre atormentado pelas dúvidas e por essa imagem do pai que vive tão perto de casa, mas ao mesmo tempo tão longe, inalcançável. Até que um dia resolve propor ao pai que troquem de lugar no barco, tomando para si a posição do outro. Todavia, não aguenta o peso da responsabilidade e se vê incapaz de substituir o próprio pai, fugindo da margem do rio sem olhar para trás.

José Luís Peixoto, em seu livro *A criança em ruínas* (2017), publica um poema intitulado “na hora de pôr a mesa, éramos cinco” no qual aborda as relações familiares e o fato de que os indivíduos, com o desenrolar do tempo, naturalmente se afastam e estabelecem suas próprias famílias. Esses versos conversam com o tema que tratamos neste texto, por isso achamos importante destacá-los aqui.

na hora de pôr a mesa, éramos cinco:  
 o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs  
 e eu. depois, a minha irmã mais velha  
 casou-se. depois, a minha irmã mais nova  
 casou-se. depois, o meu pai morreu. hoje,  
 na hora de pôr a mesa, somos cinco,

menos a minha irmã mais velha que está na casa dela, menos a minha irmã mais nova que está na casa dela, menos o meu pai, menos a minha mãe viúva. cada um deles é um lugar vazio nesta mesa onde como sozinho. mas irão estar sempre aqui. na hora de pôr a mesa, seremos sempre cinco. enquanto um de nós estiver vivo, seremos sempre cinco.

(PEIXOTO, 2017, p. 10)

## METODOLOGIA

A análise a ser desenvolvida tem como destaque o livro *Morreste-me* de José Luís Peixoto e conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa. Iniciamos com uma releitura do corpus selecionado, para um levantamento minucioso dos dados essenciais ao texto, acompanhada de uma contextualização sobre as obras e os autores escolhidos. Em um primeiro momento, será apresentado o referencial teórico e como pretendemos utilizá-lo ao longo da produção.

Em seguida, dividiremos a análise em duas seções. Sendo que na primeira, observaremos a repercussão que a ausência do pai causa na vida do filho, visto que os narradores sentem muitas vezes a necessidade de preservar a memória do pai e de ocupar o seu lugar de alicerce familiar. E na segunda, investigaremos de que forma a imagem do narrador é construída a partir da ausência do pai. Tendo em vista que o filho passa a perceber em si mesmo traços pertencentes a seu pai, o que reforça a imbricação do eu e do outro e revela aos poucos a figura do pai. Relacionando assim, memória e sentimentos. Ao longo de todo o texto estabeleceremos relações com as bases teóricas, que servirão de amparo para a produção.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisarmos a obra *Morreste-me* torna-se necessário lembrarmos o primeiro conceito de autobiografia formulado por Lejeune (2008), o qual esclarece que a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência” (LEJEUNE, 2008, p. 14). A escrita de José Luís Peixoto é marcada por sua forte raiz autobiográfica e por isso é essencial que demarquemos primeiro a diferença entre o narrador da obra e o autor do texto. Pois, apesar da coincidência

de nomes, esses são sujeitos distintos. Lejeune coloca que a problemática das escritas de si também gira em torno do nome do autor. A pessoa e o discurso se articulam primeiramente no nome próprio. A enunciação de um texto escrito fica a cargo de um nome que aparece na capa do livro e “é nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor” (2008, p. 23). Esse nome remete a uma pessoa real, que aponta uma realidade extratextual e que chama para si toda a responsabilidade da enunciação do texto.

Lejeune dedicou grande parte da sua vida à pesquisa sobre autobiografia e publicou importantes livros, dos quais destaco *O pacto autobiográfico* (1975). O autor, após explorar diversas produções autobiográficas francesas, se deparou com um fenômeno ao qual denominou “pacto autobiográfico”. O conceito de Pacto Autobiográfico formulado por Lejeune (2008) pode ser entendido como o comprometimento do autobiógrafo, por meio da construção textual e extratextual, que permite ao leitor ler o texto como manifestação da personalidade daquele que o escreve. O leitor ao folhear o texto autobiográfico firma um contrato com o autor e isso gera condições à sua leitura.

Arfuch (2010) também escreve sobre a dissociação da figura do narrador e do autor da obra, já que a autobiografia seria como uma fábula da própria vida. Ao recontar sua história, o narrador tem a oportunidade de rememorar o passado, com uma visão crítica e já ciente das consequências de suas ações naquele futuro. Após ter vivenciado o que traz à cena, o narrador não é mais o mesmo sujeito que passou por tais situações, que as experienciou.

Em seu texto, “O autor como gesto”, Agamben (2007) afirma que a pessoa que viveu aquele momento não existe mais, está morto. O autor alega, com base em Foucault (2001), que a marca do autor reside justamente na singularidade de sua ausência. Agamben defende que “O autor não está morto, mas pôr-se como autor significa ocupar o lugar de um morto” (AGAMBEN, 2007, p. 51). Podemos assim entender que a autobiografia é tanto um modo de leitura quanto de escrita. O leitor firma um pacto com o autor ao ler seu texto, assegurando não buscar elementos extratextuais para justificar a obra, pois, segundo Agamben, a tentativa de construção da personalidade do autor através do que está escrito é ilegítima.

Outro aspecto a ser considerado nessa pesquisa diz respeito ao questionamento da veracidade dos fatos narrados. Conforme Piglia (1991) não há memória verdadeira, pois todo o passado é incerto. A

autobiografia é colocada em prova já que propõe fornecer informações de uma realidade externa ao conteúdo do livro, porém os leitores não dispõem de provas verificáveis para comprovar a autenticidade dos fatos. Ainda segundo Piglia, a memória tem a estrutura de uma citação, como uma frase escrita em nome de outro. Isto é, o narrador, apesar de falar de si no texto autobiográfico, assume essa fala de outro local, pois não existe igualdade entre as experiências vividas e o texto escrito.

Dessa forma, cabe por fim analisarmos a construção do narrador a partir da ausência do pai. Esse sujeito formado a partir dos relatos dos filhos, das recordações da juventude. Após a sua partida, percebemos que o narrador por vezes confunde sua imagem com a de seu pai, como se eles se tornassem uma unidade. Existe uma sobreposição da imagem do pai em relação à imagem do filho visto que o narrador percebe algumas características do pai em si mesmo. Porém essa constatação surge com a consciência da incapacidade de tomar seu lugar visto que não possui todas as características que tornavam seu pai o homem que era. Sentem-se abandonados já que o pai partiu inesperadamente, sem prepará-los para ocupar o seu lugar. Através desses relatos identificamos a própria imagem do narrador, construída por meio da sua interação com os espaços e com as memórias que tem do pai.

## CONSEQUÊNCIAS DO DESAPARECIMENTO DO PAI

O narrador de Guimarães Rosa nos conta, que um tempo após a partida do pai, as pessoas começaram a tratar como loucura a decisão do homem, pois permanecer afastado da família em uma canoa não seria atitude de uma pessoa sã. Porém, o termo “doido” nunca mais foi dito em sua casa. E a cada semana que passava menos pessoas se lembravam do homem da canoa e o pai do narrador se mantinha sobre as águas. O filho então confidencia que: “A gente teve que se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos” (ROSA, 2019, p. 39). Como ele mesmo revela nesse trecho, a família tentava se acostumar com a situação, mas não conseguia de fato aceitar a ausência do pai, principalmente o filho que narra. Ele continua dizendo que: “Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a

memória, no passo de outros sobressaltos” (2019, p. 39). Apesar da renúncia em dizer o seu nome, a imagem do pai permanecia nos pensamentos de cada um deles, mesmo quando fingiam esquecê-lo. Sua presença no rio, sem partir e sem voltar, incomodava e trazia dúvidas.

Outro efeito que a ausência do pai causou ao narrador foi a paralisção de sua vida. Enquanto seus irmãos e sua mãe prosseguiram com o tempo, mudando-se de casa e se desvencilhando daquele passado, o narrador mostra que para ele o processo foi diferente. “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei [...]” (ROSA, 2019, p. 40). Ele não conseguiu sair de casa, pois imaginava que o pai precisava de sua proteção e cuidado. Ele sente o peso da responsabilidade pelo pai, como uma bagagem que ele precisa carregar e cuidar. Adota para si essa missão e para que ela se cumpra, ele precisa abrir mão de sua vida. Os anos se passam sem que ele perceba, apenas observando ao pai de longe, sem receber um único sinal de que o outro também o reconhecia. E quando se dá conta do tempo, “[...] apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos” (2019, p. 40). Uma forte culpa o incomoda e ele se pergunta “De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?” (2019, p. 40) e confessa “Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro” (2019, p. 41). O narrador precisa lidar com ausência do pai, mas, além disso, com a dúvida cruel sobre o motivo verdadeiro de sua partida. No começo do conto, ele chega a pedir para ir junto, mas recebe apenas um olhar vazio como resposta. Desde então as perguntas o inquietam e o paralisam, pois não consegue seguir adiante sem tê-las esclarecido.

O eu poético de José Luís Peixoto nos demonstra também o peso que sente pela responsabilidade em cuidar e manter a memória do pai. É doloroso reconhecer que ele já não está mais presente e o que resta são as lembranças e os objetos, a casa. Tudo o que fica do pai é como um lembrete constante de sua partida e isso o aflige, como podemos ver a seguir: “Tudo o que te sobreviveu me agride. Pai” (PEIXOTO, 2015, p. 19). O filho sente que somente ele percebe a impossibilidade de ter o pai de volta, o que isso significa para sua família, como se carregasse esse segredo terrível e não pudesse compartilhar com ninguém, dividir um pouco esse fardo. Assim como o narrador do conto de Rosa, o filho sente que precisa proteger o seu pai, assisti-lo, como coloca “Recordo o teu rosto [...] a seguir-me, perdido perdido a precisar de mim perdido num arquipélago de campas e mágoa e manhã ainda” (2015, p. 56). E mesmo após a sua morte, o filho ainda sente a necessidade de ampará-lo e de

honrar a sua história. Por isso, ele toma para si as aspirações do pai. O filho então afirma que “Descansa, pai, dorme pequenino, que levo o teu nome e as tuas certezas e os teus sonhos no espaço dos meus” (2015, p. 60), isto é, a partir de agora ele assume uma unidade com seu pai, assume essa vida dupla e dessa forma os sonhos de seu pai se tornam também os seus sonhos.

## UNIDADE ENTRE PAI E FILHO

Aos poucos os filhos também começam a perceber características dos pais em si mesmos. O que ressalta a imbricação do eu da escrita com o eu do pai que havíamos referido anteriormente. Como podemos observar: “Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com o nosso pai” (ROSA, 2019, p. 40) e esses pequenos detalhes o alegravam. Seu pai, como ele conta no começo, era “[...] homem cumpridor, ordeiro, positivo [...]” e que “não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos” (2019, p. 37). À medida que o tempo passa, o narrador se torna um homem quieto e solitário tal qual o seu pai, habitando a casa que um dia fora da família. Assim como o pai faz da canoa e do rio o seu espaço, o filho torna a casa e o caminho até a beira da água o seu refúgio. Além disso, como seu pai partira quando ainda era muito jovem, ele fantasia como seria ter crescido com ele ao seu lado. Por afeto ao seu pai, quando elogiado por algo que fez, o filho responde que foi o seu pai quem o ensinou, como vemos a seguir: “[...] sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum bom procedimento, eu falava: - ‘Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...’ [...]” (2019, p. 40). O que não era verdade, mas que teria sido se ele tivesse permanecido em casa ao invés de partir para o rio.

O narrador do texto de Peixoto visita a casa de seu pai após a sua partida e encontra os objetos deixados pelo pai. Ele toca as roupas no armário e relembra algumas situações em que seu pai as usou e por fim decide vesti-las também. “E vesti as tuas roupas. Tenho-as vestidas. Nem largas, nem curtas, vesti as tuas roupas e olhei-me no espelho sobre a cómoda” (PEIXOTO, 2015, pp. 39-40). Como se o pertencesse, as roupas se encaixam perfeitamente no rapaz. Ademais, ao olhar no espelho, o filho enxerga o pai: “No reflexo, encontrei-te [...] Vi-me igual a ti, nas tuas feições firmes” (2015, p. 40). O eu do narrador se une ao eu do pai formando a unidade “nós”, o que ressalta o que havíamos tratado anteriormente, ao mostramos que o filho agora carrega o sonho do pai junto aos dele,



pois estão conectados. Dessa forma temos uma ideia do si como e a partir do outro. Diferentemente do conto de Rosa, o filho do texto de Peixoto não precisa imaginar ações com o seu pai já que durante os anos que passaram juntos, eles compartilharam muitos momentos. Lemos: “[...] e, seguindo regras certas, regava as árvores e as flores do quintal; e tudo isso me ensinavas, tudo isso me explicavas” (2015, p. 18). Não somente o ensinou a plantar, cuidar, mas também a dirigir e podemos inferir por essas declarações do filho que o pai era um homem bastante cuidadoso. Ao longo do livro nos deparamos com outras características do pai, como uma figura forte e amigável e que por isso sua ausência afeta tanto o filho a ponto de ele questionar “Onde estás, pai, que me deixaste a gritar onde estás? Na angústia, preciso de te ouvir, preciso que me estendas a mão” (2015, p. 61) e que revela este sentimento de desamparo que a morte do outro significa para ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras têm aspectos comuns que vão além da ausência da figura paterna. Enquanto o pai da obra de Peixoto está morto, o de Rosa continua vivo, mas também inalcançável. Por causa disso, ambos sofrem com a perda do pai. As dúvidas e inseguranças que permeiam a vida desses filhos são similares. Ambos acreditam que o caminho sem o pai se torna mais difícil, que nada pode substituí-los e que eles partiram de uma forma repentina, sem que os filhos estivessem preparados para lidar com sua ausência.

Como contastamos anteriormente, enquanto o eu poético de Peixoto demonstra ter lembranças de momentos de convivência e aprendizados com o pai, o de Rosa cria ilusões sobre o que o pai poderia tê-lo ensinado se tivesse convivido com ele. A imagem do pai é criada pelo testemunho dos filhos, toma forma pelo que é lembrado. E os filhos, ao caracterizarem o pai, acabam também por se caracterizarem, como vimos anteriormente. Além disso, demonstram a sobreposição de imagens e que revelam característica de um no outro, formando uma unidade entre eles.

Os dois personagens sentem a obrigação de cuidarem do pai, de nunca abandoná-lo e de honrarem a sua memória. Ir até a beira do rio, vestir as suas roupas, não se mudar da casa de infância, escrever sobre eles são maneiras que os filhos encontram de eternizá-los, de não esquecê-los. Enquanto os outros membros da família encontram o seu caminho,

de uma forma ou de outra, os dois permanecem com essa missão de não desampará-los, de se fazerem presentes, ainda que seja impossível para eles ocupar o lugar deixado pelos pais. Seja pesada como uma bagagem da vida ou dura como uma vingança contra o mundo, os dois narradores adotam essa postura de carregarem consigo o nome, as certezas e os sonhos de seus pais.

No último parágrafo do conto “A terceira margem do rio”, o narrador de Rosa se pergunta: “Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo” (ROSA, 2019, p. 41). Ao passo que nos últimos versos do poema de Peixoto que trouxemos no início do trabalho, o eu poético reafirma que “na hora de pôr a mesa, seremos sempre cinco./ enquanto um de nós estiver vivo, seremos/ sempre cinco” (PEIXOTO, 2017, p. 10). As literaturas dialogam umas com as outras. Em especial, a literatura em língua portuguesa, que parece ultrapassar as fronteiras territoriais. O narrador do texto de Rosa se pergunta se é ainda é homem depois de abandonar enfim o pai, de admitir para si mesmo que não aguenta o fardo da responsabilidade em ocupar o seu lugar. Ele teme o que isso significa para a memória de sua família. Enquanto que Peixoto, em seu poema, parece responder que sim, ele ainda é homem após esse falimento, pois enquanto uma pessoa estiver presente, a memória continuará viva, já que a família é como uma unidade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: \_\_\_\_\_. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PEIXOTO, José Luís. **Morreste-me**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

\_\_\_\_\_. **A criança em ruínas**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: 2º CONGRESSO ABRALIC. **Anais da ABRALIC**. Vol. 1, Belo Horizonte: 1991.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. São Paulo: Global, 2019.